



WESLEY B. MACHADO

**BOTAFOGO DE
SOFRIMENTOS E
ALEGRIAS**

Boleitura

Wesley B. Machado

**Botafogo de
Sofrimentos e
Alegrias**

Boleitura

“Botafogo de Sofrimentos e Alegrias”
Wesley B. Machado
Campos dos Goytacazes
Rio de Janeiro
Brasil

Todos os direitos reservados
ao autor Wesley B. Machado
E-mail: jornalistawesleymachado@gmail.com
Facebook: [@wbmachado](#)
Instagram: [@escritorwesleybmachado](#)



O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.

Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

Edição, Revisão,
Diagramação e Capa:
Wesley B. Machado
Fonte utilizada: Times New Roman
ISBN: 978-65-00-36012-7
Dezembro de 2021
Boleitura, Selo de Futebol da Editora Campista

Sumário

Prefácio / 4

Futebol é Botafogo e Botafogo é Garrincha / 6

Purgatório Purificador / 7

Bota sofrimento nisso / 11

Uma vitória tipicamente botafoguense / 14

Bálsamo / 16

Sandália da sorte / 18

Medicado / 19

A vida é feita de vitórias e derrotas / 21

Histórias de Nilton Santos / 22

Amarildo, o “Possesso”: “O Botafogo era uma

Universidade do Futebol”! / 26

Sobre o segundo rebaixamento / 28

**Umas das maiores emoções que vivi num estádio de
futebol / 30**

**Ex-Zagueiro Sandro revela bastidores do rebaixamento
do Botafogo em 2002: "O time caiu porque ninguém
recebia" / 33**

A maldição botafoguense / 37

Efemérides / 39

Sassalvador! / 40

Botafogo já teve seu Sassá craque / 42
Pelé quase evitou título de 89 / 43
Da mediocridade à incrível qualidade técnica / 44
Tarde tranquila / 46
O Botafogo voltando a ser Botafogo / 48
Tá ruim, mas tá bom / 49
Estava bom demais para ser verdade / 51
O Palito de Churrasco / 53
**Numerologia e o sonho realizado de conhecer os campeões
de 1989 do Botafogo / 56**
A volta da esperança / 58
Queremos mais / 61
Meu médico botafoguense / 63

Prefácio

Mais que torcedor

Sou botafoguense.

Wesley também é.

Acredito nessa paixão.

Ele tem fé.

Contemplo a estrela solitária.

Ele admira uma constelação.

Tenho o Botafogo no peito.

Wesley tem tatuado no coração.

Escrevo sobre o Botafogo.

Ele tem livro publicado.

Penso e analiso.

Wesley é encantado.

Se o Botafogo perde, critico.

Se vence, são simples vitórias.

Wesley vê as derrotas.
Mas só enxerga as glórias.

Tenho um filho botafoguense.
E outro não.
Wesley é pai de menina.
E de tamanha identificação.

Fizemos um blog juntos.
Comento alguns tópicos.
Wesley está sempre lá.
E para todos os assuntos.

O Botafogo é minha ilusão quase perdida.
Para Wesley, é o que dá sentido à vida.
Eu quero ver o Botafogo golear.
Wesley merece saborear.

Álvaro Marcos Teles

Futebol é Botafogo e Botafogo é Garrincha

1º de março de 2019

Júlia quando vê alguma coisa relacionada a futebol, seja na televisão ou no mundo físico - aliás ela pensa que as pessoas que aparecem na televisão não existem - pois bem, Júlia diz: "Olha lá Papai, Botafogo"! E ela costuma dizer: "Papai, meu time é Garrincha"! Para Júlia, Futebol é Botafogo e Botafogo é Garrincha! Pensando bem, tem sentido.

Purgatório Purificador

28 de novembro de 2015

Um dos mais importantes livros sobre o Botafogo, um dos clubes mais abordados na literatura, é "Entre o Céu e o Inferno", de Sergio Augusto. E o Botafogo, que sempre apronta com a gente, para o bem e para o mal, realmente circula entre os contrastantes branco e negro. Este ano cumprimos nosso compromisso no purgatório, onde com o já habitual sofrimento pagamos muitos dos nossos pecados.

Supersticioso que é, o Botafogo não atravessou a escada para o paraíso, nem mesmo a subiu facilmente, como seria cômodo. A música dizia "Reage"! E o Botafogo reconheceu a queda, não desanimou, levantou, sacudiu a poeira e deu a volta por cima. No campo.

A viagem foi longa e começou como uma nova era cheia de incertezas, mas com esperanças. O Botafogo no início do ano não tinha sequer um time para chamar de seu. O que esperar de 2015? Os adversários diziam que íamos nos apequenar, virar um novo

América e houve quem afirmasse que o clube até mesmo acabaria.

A esperança tinha um nome: Carlos Eduardo Pereira, presidente eleito para o triênio 2015-2016-2017. A equipe começou a ser montada com a contratação dos experientes Renê Simões (técnico) e Antônio Lopes (gerente de futebol), que deram credibilidade ao clube. Mas os jogadores contratados, pouco conhecidos, a princípio causavam desconfiança no torcedor e na imprensa.

Uma derrota no amistoso contra um time chinês no início da temporada serviu para aumentar ainda mais a desconfiança no time. Mas eis que no Carioca a equipe surpreende, é campeã da Taça Guanabara, numa conquista inusitada, onde o Botafogo vence o seu jogo e os jogadores terminam secando o maior rival, que tropeça e assim ficamos com o charmoso troféu.

Uma classificação nos pênaltis emocionante para a final do campeonato na partida contra o Fluminense, em que o goleiro Renan foi o herói. E a perda do título para o Vasco não doeu tanto. Era consenso que o que importava era a Série B.

O Botafogo faz um campeonato regular, com algumas intempéries pelo caminho. Chuta as pedras, que rolam e viram bolas em direção aos gols, de Navarro, Neilton, Sassá, Luis

Henrique, Ronaldo, etc, sem esquecer, para sermos justos, de Bill, Rodrigo Pimpão...

O goleiro Jefferson, que havia ficado no clube mostrando seu amor pela Estrela Gloriosa, foi o alicerce que sedimentou um plantel que soube suar e honrar a "camisa que enverga varal", como destacou Renê Simões.

O treinador, que ajudou a montar o elenco com Lopes, passou o bastão para Ricardo Gomes, que chegou num momento crucial onde a equipe oscilava e, auxiliado por Jair Ventura Filho, conseguiu manter o time no topo até o almejado acesso, culminando com o título como a cereja do bolo.

Novamente campeão nacional 20 anos depois. Comemorar? Sim, como disse Ricardo Gomes: “para nunca mais voltar”!

Agradecemos a todos os jogadores, desde Renan Fonseca, que só deixou de atuar em uma partida, até aqueles que entraram vez ou outra, mas que fizeram parte da festa.

Agradecemos à diretoria, à comissão técnica, aos funcionários, desde o botafoguense motorista do ônibus até os gandulas, que trabalham tendo o privilégio de assistir ao jogo de dentro do campo.

Nesta saga, recorri a Deus, Nossa Senhora da Conceição, a quem o Botafogo foi consagrado, São João Batista e Santa

Terezinha das Rosas, nossos padroeiros, a Nossa Senhora Aparecida, que habita nosso vestiário, mas também a Nilton de Todos os Santos, São Garrincha, São Carlito Rocha e até mesmo a São Biriba.

A faixa no estádio lembra: "O Gigante Voltou"!

Como Fênix, o Fogo ressurgiu. E de cinza!

Torcemos para que o Bota daqui para frente resgate seus tempos de glórias.

Continuaremos a reverenciar nosso passado, nossa história, nossos ídolos.

Com orgulho do presente, como foi na efusiva comemoração no jogo derradeiro em que a torcida não parou de cantar um segundo e os fogos anunciavam o retorno triunfal, que nos dá motivos para esperar um futuro ainda melhor.

Onde esperamos conquistar ainda mais títulos. Quem sabe uma Libertadores, um Mundial! Para sermos ainda maiores do que já somos.

*Texto premiado com o 1º lugar na categoria Blogs do 1º
Prêmio Botafogo de Imprensa 2015.

Bota sofrimento nisso

6 de julho de 2017

A bexiga parece apertar. Ou será mania minha de ir ao banheiro toda hora? Minha esposa Nilcea diz que é psicológico. Meu colega de serviço, Luiz, pergunta se estou nervoso. Estava transtornado com os problemas financeiros. E descrente das pessoas, pelas quais perdi a fé.

Luiz diz que “tá ruim prá todo mundo”. Realmente, é verdade. Tem gente numa situação muito pior que posa de rico. Tanta coisa para fazer e cadê o dinheiro? Maldito dinheiro. Ou bendito. Mas a falta de dinheiro nos deixa mais humildes. Como deve ser um botafoguense. Comedido. Desconfiado. Calejado.

Hoje fiquei com pena do Marcos Vinicius, um garoto de nove anos de idade, botafoguense incentivado pelo pai botafoguense e por mim, que lhe dei um escudinho do Botafogo de colocar na geladeira. Ele falou que a lembrança dá sorte. Mas porque será temos perdido os últimos jogos? Perder também seria sorte?

Marcos Vinicius deu um palpite de 2 a 0 para o Botafogo no jogo desta quarta-feira diante do Nacional, do Uruguai, fora de casa pela Libertadores. Eu disse que fiquei com pena foi da ingenuidade dele. Mal sabe ele que Botafogo é sinônimo de sofrimento. Ah, sim, e algumas alegrias de vez em quando.

Mal sabe o menino na sua inocência que com o Botafogo tudo é mais difícil. Ah, quem dera que o Botafogo desse esse presente ao Marcos Vinicius e fizesse essa pobre criança botafoguense acertar o placar da partida. Ele que fez aniversário há pouco tempo.

Seria também um presente para minha filha Luiza, de oito anos de idade, que está preocupada pelo fato do Botafogo ter perdido os últimos jogos que ela assistiu na casa dos meus pais. Ela, já supersticiosa, como todo botafoguense, está achando que a falta de sorte é culpa dela.

Mas Luiza tem uma boa teoria para a falta de vitórias e de gols do Botafogo. Minha filha disse que o Botafogo tem de jogar de camisas listradas. Contra o Atlético, perdeu todo de branco; e contra o Corinthians, perdeu de camisas negras.

Por mais que Luiza não saiba exatamente o que é superstição – ela, que já é supersticiosa, me pergunta. Ah, Botafogo, por que você faz isso com a gente? Pobres crianças, já desde novas sofrendo.

Vai Botafogo! Vai ser Campeão! Nos dê alegrias! Faça derramar uma lágrima de felicidade em nossos olhos cansados de tanta desilusão. Não vá nos enganar novamente. Seja aquele Botafogo que a gente gosta! Nós merecemos.

Uma vitória tipicamente botafoguense

18 de setembro de 2016

Tenho procurado não desanimar com as derrotas e não me empolgar com as vitórias. Conhecemos bem o Botafogo e sabemos que ele sempre nos prega uma peça. Foi assim na última rodada. E hoje, mais uma vez, o Botafogo foi imprevisível. Por mais que eu acreditasse na vitória.

Quando soube que o jogo ia passar no Sportv - não tenho o pacote (PFC), optei por assistir à partida em casa junto do meu núcleo familiar, minha esposa e minhas duas filhas. Devo admitir que devido ao cansaço vi a peleja deitado e só me levantei com a marcação do pênalti - a meu ver não foi.

Levantei-me para pegar os santinhos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do clube, beijá-los e pedir que Sidão pegasse a cobrança. Fui atendido. E não é que em mais até do que eu pedi. Num contra-ataque, Rodrigo Pimpão fez um carnaval na defesa adversária e fez um gol com um golpe de karatê e a la Botafogo, com muita luta e sofrimento - a bola demorou uma eternidade para entrar.

Liguei para o meu pai ao final do 1º tempo para comentar a partida. E falei que estava pensando em ir ver o 2º tempo na casa dele. O problema era a superstição, afinal no 1º tempo tudo havia dado certo. Ele aprovou a mudança das coisas.

Chegando à casa do meu pai, ele começou a reclamar do Diérson, cabeça de área garoto, que segundo meu pai não tem função alguma no time, nem mesmo tática. "Nem falta ele faz", argumentou.

Foi ouvindo as reclamações do meu pai em relação a Diérson que eu sofri todo o 2º tempo, com o Botafogo perdendo gols e a chance de matar a partida. Mas, graças a Deus, à Nossa Senhora da Conceição, a Pimpão e a Sidão, o Botafogo venceu um jogo difícil. O time todo esteve bem.

De volta para minha casa, falei com minha filha mais velha: O Botafogo ganhou! E a mais nova perguntou: "Botafogo Campeão" (?), se referindo ao hino que ela está começando a aprender. Eu falei: Isto, minha filha, Botafogo Campeão!

Se a meta era ficar entre os 10, já estamos cumprindo. Mas o que impede de sonharmos com o famoso "algo mais"?

Bálsamo

26 de junho de 2016

Quando vi o Botafogo em campo com as camisas listradas de manga comprida, uniforme que lembrava uma época áurea do clube, confirmei meu bom pressentimento de que o Botafogo surpreenderia hoje. Já havia comentado isto com meu pai. Ele, calejado, como sempre desconfiado do time, falou que um empate já seria um bom resultado. Meu pai também costuma me dizer que não se deve criar muita expectativa em dias de jogo do Botafogo. É quase impossível não ficar nervoso, esperando a partida. Mas hoje eu me ocupei de outras coisas, tirando o foco do jogo. E optei por ver a partida na minha casa, já que seria transmitida pela Globo. Só comecei a prestar atenção mesmo aos 2, 3 minutos. E aos 10, numa linda jogada do Luís Ricardo veio o primeiro gol, marcado por Fernandes. Aliás Luís Ricardo fez uma partida primorosa, dando lençolzinho e quase complicando por excesso de confiança numa bola em que atrasou com o peito para Sidão. Este que salvou a equipe com uma grande defesa quando o Botafogo começava a dificultar uma vitória até certo ponto garantida. Voltando para anteriormente, foi quando resolveu a

partida o que meu pai chamou de “dono do time”, o que segundo ele o Botafogo estava precisando. O estreante Camilo deu um belo passe para Néilton marcar o segundo gol e deixou o seu num chute muito bem colocado. Foi o que garantiu a vitória surpreendente para muitos, não para mim, deste Fogão que sempre que a torcida começa a desacreditar ele meio que renasce das cinzas e traz de volta todo nosso amor e a esperança de algumas alegrias em meio a tanto sofrimento.

Sandália da sorte

30 de março de 2016

A sandália arrebentou em frente ao mercadinho. Não tive outra opção a não ser entrar e comprar outra. Faltavam poucos minutos para o jogo. Procurei até achar uma que agradasse. E não é que ela era nas cores preto e amarelo, justamente as do adversário de hoje.

Chego à casa dos meus pais e a partida já havia iniciado. Pênalti para o Botafogo e quem vai para a cobrança? Rodrigo Lindoso, logo ele, que para meu pai é horroroso. Será implicância? Ou será que ele é tão ruim assim? A verdade é que trata-se de um jogador chifrim, que parece não estar à altura do Botafogo.

Outro que não agrada meu pai é Yaca, que alguns torcedores já estão chamando de inhaca. Gegê entrou, melhorou o time e provou que tem de ser titular, assim como Fernandes, que se doou bastante. O zagueiro Carli marcou seu primeiro gol com a camisa gloriosa, este sim que a veste com honra.

Medicado

8 de setembro de 2015

Depois de muitos anos sem ir ao dentista, enfrentei o temido motorzinho. Até que não doeu. Tinha medo de dentista. Mas desta vez foi tranquilo. O que não foi tranquilo foi o jogo do Botafogo. Saí do dentista e fui ver a partida pela Série B do Brasileirão no Terapias Bar, do botafoguense Assis. Também fazia tempo que não ia ver um jogo no Terapias. Foi um dia diferente, para sair da rotina. O que não mudou foi o sofrimento com o Botafogo.

Levamos o gol logo no início, em falha do lateral esquerdo, ou zagueiro, ou cabeça de área, sabe-se lá o que ele é, Giaretta, que alguns chamam de Picareta. Mas para quê culpar o coitado, que na partida anterior participou do lance do primeiro gol, cruzando uma bola que o titular não costuma acertar? Faz parte do sofrimento.

A partida virou 1 a 0 para o Paraná. Mas tivemos muitas chances de empatar. Numa linda bicicleta de Lulinha, que o goleiro defendeu. E numa bola que sobrou para Navarro, livre, de frente pro gol, marcar. Mas o uruguaio perdeu. Parecia que não seria o dia. A bola não queria entrar. E quando entrou, ainda no

primeiro tempo, o juiz anulou. Impedimento mal marcado pelo bandeirinha.

Veio a segunda etapa. E o time voltou com a mesma formação. O técnico Ricardo Gomes perdeu a paciência que a torcida já havia perdido há muito tempo e mexeu na equipe. Entrou Daniel Carvalho no lugar do inoperante Tomas. O time melhorou. Depois entrou Sassá no lugar de Lulinha. Aí a partida pegou fogo.

Sassá mostrando uma raça tremenda fez um gol com cara de Série B. Num bate rebate dentro da área, o Salvador da Pátria do Botafogo meteu o pé num chute com raiva. Estava decretado o empate. Mais um pouco e conseguiríamos a virada, que quase veio novamente com Sassá de cabeça. Mas o juiz mais uma vez anulou, alegando falta de Luís Henrique, que substituiu Navarro.

Mas Sassá foi insistente. Ele aproveitou passe de cabeça de Daniel Carvalho dentro da área e conferiu para dentro da rede. Vitória de suma importância afinal os adversários diretos na luta pelo título e acesso também venceram seus jogos.

A vida é feita de vitórias e derrotas

23 de agosto de 2015

Compareci com meu pai e minha irmã neste domingo pela manhã ao estádio Nilton Santos para assistir ao jogo do nosso Fogão. Eu e mais de 20 mil botafoguenses fizemos nossa parte. Os resultados da rodada foram favoráveis. Mas o time não esteve num bom dia. A bola não entrou no primeiro tempo, muitas chances desperdiçadas e fomos para o intervalo com a desvantagem de dois gols no placar. Voltamos melhor, principalmente depois da entrada de Camacho no lugar de Serginho. Chegamos ao gol com Daniel Carvalho em jogada de Luís Ricardo, que tabelou com Elvis e cruzou, Luís Henrique dominou e a bola sobrou para o chute do camisa 10. Mas logo em seguida sofremos o terceiro gol. Ainda fizemos mais um, com Sassá, que entrou no lugar de Néilton. No final da partida tivemos um pênalti a nosso favor, que foi marcado pelo juiz, mas foi erroneamente anulado pelo bandeirinha, que marcou impedimento em lance de Sassá, que estava em posição legal. Um erro crucial, que nos prejudicou mais uma vez. Tivemos muitas falhas defensivas, principalmente na cobertura pelo lado esquerdo, de onde saíram os três gols do Paysandu. Mas luta não faltou. ***

Histórias de Nilton Santos

16 de maio de 2011

Na data do aniversário de 86 anos do "Enciclopédia"; publiquei alguns trechos da entrevista concedida por ele no ano de 2004 em Campos:

Superstição

"Fui 26 vezes campeão e nunca perdi uma decisão. Superstição prá mim é uma religião"

Garrincha

"O brasileiro conhece Garrincha da Seleção. O que eu vi ele fazer pelo Botafogo por esse mundo afora é um negócio de louco"

Carlito Rocha

"Seu Carlito se considerava um pai para nós. Ele ia na concentração, quando havia concentração, e dava mel na boca da gente como se fosse filho dele. Hoje não sei como é que anda. Mas era bem diferente. Era uma família botafoguense"

Saudosismo

"Hoje raramente eu vejo futebol. Você não vê um cara amaciar a bola e fazer uma boa jogada. Prefiro não ver pois gosto e quero ver coisa bonita"

Na oportunidade, Nilton Santos contou outras histórias como a de que Zizinho, craque do Bangu e da Seleção Brasileira, havia pedido a ele para jogar no Botafogo. Mas, segundo Nilton Santos, um dos dirigentes do Botafogo, o Corrêa Meyer, não aceitou Zizinho no Botafogo porque ele certa vez tinha corrido atrás do cachorro Biriba, o mascote do Botafogo, para dar um bico no cachorro. Portanto Zizinho, que viria a

ser Bicampeão no São Paulo deixou de vir para o Botafogo por causa de Corrêa Meyer.

Sobre a sua vinda para o Botafogo, Nilton Santos conta que jogava pelo Flexeiras, um time do subúrbio, próximo à Leopoldina, onde hoje está instalado o Galeão. O Flexeiras foi fazer um treino contra o São Cristóvão, em Figueira de Mello. E Arquimedes, que era treinador do São Cristóvão, quis ficar com ele.

O Major Onório (Nilton Santos era soldado do Exército) teria dito para Nilton Santos não se comprometer, que ele tinha um tio que era diretor social do Botafogo e que se dava bem com o Carlito Rocha. O Major teria dito: "A tentar, tente no Botafogo, que é um time grande".

A última para fechar com chave de ouro diz respeito à rivalidade contra o Flamengo na época em que o rubro-negro era freguês. A história que todo mundo sabe de que Manga fazia a feira às vésperas do jogo contra o rival já contando com o bicho certo. Seguem as palavras de Nilton Santos:

"O pessoal da imprensa instigava o Manga. E amanhã, Manga, como é que vai ser? Sim, já peguei meu bicho adiantado (...) E a torcida do Flamengo ficava louca. Porque normalmente a gente ganhava. Nosso time era bom: Garrincha, Didi, Paulo Valentim, Quarentinha e Zagallo. E ainda tinha de fora o China. Tinha o Amarildo. Tinha um montão de gente".

Bons tempos aqueles!

Amarildo, o “Possesso”: “O Botafogo era uma Universidade do Futebol”!

5 de junho de 2014

"Eu fui dispensado do Flamengo. Estava servindo o quartel, o Paulistinha vendo que eu não saía do quartel, me perguntou se eu não tinha nenhum time. Eu falei que não. Então ele falou que me levaria para o Botafogo, para me apresentar ao Paulo Amaral e ao João Saldanha. Era uma sexta-feira e eu fui treinar no Botafogo. Lá encontrei o Zagallo, que me conhecia do Flamengo. O Zagallo perguntou: 'Tá fazendo o quê aqui?' Eu respondi: O Flamengo me mandou embora. E o Zagallo falou com o João Saldanha e o Paulo Amaral: 'Pode mandar ele assinar o contrato. Eu o conheço do Flamengo'. Assinei o contrato sem que eles me vissem jogar. Assinei sem saber quanto ia ganhar. Fiz o teste, fiz dois gols. E comecei minha carreira no Botafogo. Joguei 12 ou 15 jogos nos aspirantes. Paulinho Valentim foi vendido pro Boca Juniors. O Boca Juniors já estava atrás do Paulinho

Valentim há muito tempo. Eu jogando nos aspirantes, viram que eu fazia muitos gols. Aí me chamaram para o time principal. Entrei numa Universidade do Futebol. Prá mim foi uma escola que poucos jogadores tiveram. Eram todos jogadores campeões do mundo, tinham jogado em 58, Nilton Santos, Didi, Garrincha. Foi aí que formamos o melhor ataque de todos os tempos do Botafogo: Didi, Garrincha, Quarentinha, Zagallo e eu. E Nilton Santos atrás”.

(Trecho de uma conversa, mais do que uma entrevista, que eu tive com Amarildo, “O Possesso”, que estive em Campos, sua cidade natal, no dia 04/06/2014)

Sobre o segundo rebaixamento

30 de novembro de 2014

Aí eu descobro que o Santos estava há nove jogos sem ganhar... Por isto que meus amigos Claudio Tadashi Oshiro e Marcelo Cavichio Unti estavam impacientes com o time. E ficaram surpresos com os dois gols de Leandro Damião.

Por falar em jejum e em gols, onde já se viu um time ficar seis jogos sem fazer um gol? Sim, é o Botafogo. Afinal o último gol marcado a seu favor foi contra.

Pasmem. São seis derrotas consecutivas e seis jogos sem marcar um golzinho sequer. O último foi um golaço de fora da área, de cobertura, do Wallyson, exatamente contra o Flamengo.

Será que fizeram uma macumba? Estamos pagando pela mega-goleada de 24 a 0 sobre o Mangureira, a maior até hoje do futebol brasileiro, pelos dribles humilhantes de Garrincha, pelas ironias de

Manguinha, pela fanfarronice de Túlio Maravilha, pela cavadinha desmoralizante de Loco Abreu...

Estamos pagando o preço de sermos um clube grande com um time pequeno. Um presidente farsante e uma diretoria incompetente. Um técnico sem pulso para colocar uma equipe nos trilhos. Jogadores esforçados, porém fracos tecnicamente. Outros descompromissados. Que não se atentaram para a história desta instituição centenária e para a tradição desta camisa gloriosa!

Uma frase vista num cartaz no estádio da Vila Belmiro neste domingo será o nosso lema neste momento: "Eu não amo a Série A. Eu amo o Botafogo"!

Umas das maiores emoções que vivi num estádio de futebol

9 de abril de 2020

Foi no Godofredo Cruz no dia 27 de dezembro de 2012 no jogo amistoso entre o Sub 17 do Botafogo e uma seleção campista, que jogou com um uniforme branco com detalhe verde e o nome do Rio Branco de Campos.

Nesta partida, Túlio Maravilha fez dois de pênalti e chegou ao 995º gol segundo sua contagem na busca pelo milésimo. A primeira emoção foi ver minha filha primogênita Luiza, então com três anos de idade, pela primeira vez com a camisa do Botafogo na sua estreia num estádio de futebol.

Outra emoção foi poder participar do lance em que foi marcado o primeiro pênalti. Na hora de um escanteio para o Botafogo, eu fui comprar uma água para Luiza, que falou que estava com sede.

E quando eu estava passando atrás do gol, pude observar um puxão de camisa ou uma falta dentro da área, não me lembro bem, mas não tive dúvidas de gritar:

– Pênalti!

E não é que o juiz marcou?

Pois então Túlio foi para a cobrança e fez. Correu e subiu no alambrado para delírio da torcida.

Comprei a água e percebi que o portão para a entrada do campo estava aberto. Chamei minha irmã botafoguense Fernanda, que foi comigo ao jogo; e levamos Luiza para dentro de campo.

Numa jogada, a bola saiu pela linha de fundo e Luiza correu para pegar. Passou um tempo e surgiu o segundo pênalti.

Nesta hora outras pessoas descobriram que o portão estava aberto e entraram no campo. Na hora da cobrança do segundo pênalti por Túlio, muita gente já estava atrás do gol à esquerda das cabines.

Túlio fez mais um e foi uma festa. Outra história desta partida foi que no mesmo dia à tarde, Túlio tinha ido ao Shopping Boulevard para um evento com os fãs.

Na oportunidade, eu sugeri a ele que desse os nomes dos gols de Chuvisco e Goiabada, doces tradicionais de Campos. E não é que ele marcou exatamente dois gols? E não é que em entrevista à imprensa realmente ele falou que os gols receberam os nomes Chuvisco e Goiabada?

É por isto que adoro futebol! Pelo fato do futebol nos permitir fazer parte da história!

Ex-Zagueiro Sandro revela bastidores do rebaixamento do Botafogo em 2002: "O time caiu porque ninguém recebia"

30 de abril de 2020

O ex-zagueiro e capitão do Botafogo, Sandro, participou na noite de quarta-feira (29/04) de uma Live no Instagram com o jornalista botafoguense Wesley Machado. Na oportunidade, Sandro, que jogou de 1999 a 2004 no Botafogo, abordou sobre vários assuntos, como o rebaixamento em 2002, a disputa da Série B em 2003 e a volta à 1ª divisão.

Sandro explicou o porquê de tanta indignação após sair expulso no jogo contra o São Paulo que rebaixou o Botafogo em 2002. “O sentimento era de revolta, indignação e tristeza. O time caiu porque ninguém recebia. Eu gostava de jogar no Botafogo. Claro que a gente tem de pagar as contas. Mas eu queria estar em campo. Eu jogava por amor ao Botafogo. Mas não pude jogar muitas partidas em 2002 por causa da cirurgia que fiz no joelho. Só que muitos ali não estavam preocupados com o Botafogo. No

jogo contra o Guarani na penúltima rodada alguns jogadores forçaram a expulsão para não jogar a última partida. Teve jogador que chegou com gesso na perna sem ter nada. Eu, mesmo machucado, pedi para jogar o último jogo. O Botafogo ficou cinco meses com os salários atrasados e os dirigentes deram esse direito aos jogadores”.

Perguntado sobre o fato dele ter sido um dos poucos jogadores que ficaram do time que foi rebaixado em 2002 para a disputa da Série B, Sandro disse: “Era uma obrigação minha. A gente tinha levado o clube ao rebaixamento, mesmo, repito, eu não tendo jogado muitas partidas em 2002 por causa da cirurgia que fiz no joelho. Fiquei 2000, 2001 e 2002 muito tempo lesionado. Aí eu pedi ao Bebeto e ao Levi para disputar a Série B de 2003. Fiquei e graças a Deus a gente subiu o time para a 1ª divisão. Limpei a ficha, tirei um peso das costas. Era um time muito experiente, uma equipe de guerreiros, sem muita condição financeira. O que prevaleceu naquela Série B não foi dinheiro, foi a vontade de colocar o Botafogo na 1ª divisão. Só subiam dois e o quadrangular foi muito difícil, mas a gente conseguiu colocar o Botafogo de volta onde nunca deveria ter saído”.

Sandro contou que o gol contra o Marília no jogo do acesso foi o mais importante da carreira dele. Ele revelou que a batida no

braço que ficou eternizada foi uma promessa. “Em 99 eu fiz um gol contra o Flamengo. O Botafogo como sempre brigando para não cair. Botafogo não, os dirigentes brigando para não cair. Porque o Botafogo não é para brigar para não cair. O Botafogo, a instituição, não tem culpa de nada. A culpa é dos maus dirigentes. Aí eu fiz o gol de falta e bati no braço e gritei: ‘Segunda não. Botafogo é primeira’. E naquele ano o Botafogo não caiu”.

Sandro falou sobre o estádio Caio Martins em Niterói-RJ, que foi anunciado nesta semana que deverá ser devolvido em 2021: “Eu gostava de jogar no Caio Martins. Mas eu preferia jogar no Maracanã. O Maracanã é encantador. Mas na Série B o Caio Martins foi muito importante”.

Quanto ao fato de ter declarado que queria ter começado, ter ficado mais tempo e encerrado a carreira no Botafogo, Sandro comentou: “Eu queria ser igual Nilton Santos, que começou e terminou a carreira no Botafogo. Eu queria ter tido este privilégio. Quando eu estava em Portugal, o pessoal queria que eu voltasse para o Botafogo, mas meu futebol já tinha caído e eu não estava mais à altura para jogar no Botafogo. Eu amo esse clube. O Botafogo é diferente. Aprendi a amar o Botafogo no sofrimento. Fui escolhido”.

O ex-zagueiro comentou ainda sobre o fato de sua imagem estar pintada no tradicional muro de General Severiano. “Não paguei para estar ali. Nenhum ali pagou para estar. A maior conquista da minha vida é estar naquele muro”.

Sobre a votação do site Globoesporte.com, em que foi escolhido o 5º melhor jogador do Botafogo no século XXI com mais de 6 mil votos pela internet, Sandro disse o seguinte: “Fiquei muito feliz. Ser escolhido o melhor zagueiro de Botafogo em 20 anos. Não esperava. Estou lá. Agradeço à galera do Fogão”.

A maldição botafoguense

5 de janeiro de 2019

Já virou clichê dizer que “o botafoguense é o torcedor mais supersticioso do mundo” e que “há coisas que só acontecem com o Botafogo”. Isto todo mundo sabe. Mas o que muita gente pode não saber é que existe uma “Maldição Botafoguense”. A tal “Maldição Botafoguense” é usada pelos torcedores do Botafogo quando algum jogador que saiu pela porta detrás do clube acaba se dando mal em outro time.

Mas talvez o que o próprio torcedor do Botafogo não saiba é que a “Maldição Botafoguense” pode ser aquele feitiço que às vezes se vira contra o feiticeiro. Estou falando isto porque hoje assistindo pela televisão a um jogo do Botafogo pela Copinha um lance chamou a atenção de todos, que foi uma sequência de jogadas artísticas de um jogador adversário, que descontrolou o time do Botafogo, que acabou levando o gol e tendo um jogador expulso justamente por uma entrada violenta no mesmo jogador que cometeu o que pode ser considerado um abuso.

O que quero dizer é que seria muito fácil cair em falso moralismo e dizer que o jovem jogador da equipe que enfrentou o Botafogo praticou um excesso. Mas esta seria uma tremenda contradição vinda de um botafoguense, que tem como um de seus maiores ídolos o endiabrado Garrincha, que atormentou incontáveis “Joões” com seus dribles humilhantes. É possível que o Botafogo esteja pagando pelos “pecados” de Garrincha. Afinal, quem tanto tripudiou agora sofre eternamente o mal do ressentido.

E o que dizer das palhaçadas de Túlio Maravilha, zombando com seus nomes de gols e comemorações? E a cavadinha de Loco Abreu, um herege a provocar a sanha da maior torcida do Brasil? Por estas e outras que o Botafogo começa seus jogos pensando não em ganhar, mas em não perder, como cantado no hino, o qual Seedorf quis mudar. Porque para o botafoguense vale o que Darcy Ribeiro disse em “O povo brasileiro” sobre o que esperava da nova civilização brasileira: “Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades”.

Detalhe: Este jogador que foi expulso após entrada violenta no adversário foi o atacante Luis Henrique, que depois se destacou pelos profissionais e foi negociado com o Olympique Marselha.

Efemérides

15 de maio de 2015

Além do Dia do Botafogo e aniversário de Nilton Santos, o dia 16 de maio marca a data da despedida de um dos maiores artilheiros do Botafogo, Nilo. Foi num 16 de maio, em 1937, que Nilo fez sua última partida pelo Glorioso, contra o Olaria, empate em 2 a 2, jogo válido pelo Campeonato Carioca realizado no campo da rua Cândido Silva. Neste prélio, Nilo não marcou gol. Ele que anotou 190 tentos em 201 jogos pelo Botafogo, o que faz dele o 5º maior artilheiro do Alvinegro, sendo que em se considerando a média de gols ele fica em segundo. Ele foi o autor de quatro gols na goleada de 9 a 2 sobre o Flamengo, que vai completar 88 anos no próximo dia 29. Fez ao lado de Carvalho Leite, 2º maior artilheiro do clube com 314 gols em 447 jogos, um dos maiores ataques da história do Botafogo.

Sassalvador!

22 de março de 2015

Fui com o amigo André, do blog parceiro Opinião Botafoguense, e com meu pai Fernando e minha irmã Fernanda a Macaé assistir ao jogo do Fogão. Entramos no estádio no exato momento em que o jogo começou. E logo nos primeiros segundos, duas grandes defesas do goleiro Renan, que entrou sob desconfiança da torcida e nesta me incluo. Renan faria mais pelo menos outras três belas defesas e vendo os melhores momentos da partida percebi que as defesas foram ainda mais difíceis do que vistas in loco. Em duas delas, Renan se atira nos pés do atacante. Para calar a boca dos cornetas. Hoje, incrivelmente, Jéfferson não fez falta. Renan foi sem dúvida o melhor em campo.

O Botafogo confirmou a fama de time de 2º tempo. Renê atribuiu a demora a entrar no jogo ao gramado que considerou alto e pesado. Mas não é desculpa, pois o Botafogo tem sempre jogado melhor no 2º tempo, com exceção do clássico contra o Fluminense. Se Renan foi o melhor em campo, Sassá, que entrou no intervalo – foi a primeira alteração de

Renê no intervalo, quando aproveitei para tirar uma foto com o presidente que via o jogo da arquibancada – pois bem, Sassá pode ser considerado o herói da tarde. Fez o gol da vitória em lindo chute cruzado depois de uma arrancada pela direita após lançamento de Gilberto e acabou saindo machucado, deixando o time com um a menos - Renê já havia feito as três substituições - e tornando o jogo ainda mais sofrido.

Outros que estiveram bem foram o zagueiro Renan Fonseca e o próprio lateral Gilberto. Gilberto e Carleto levaram o terceiro cartão amarelo e estão fora do jogo contra o Barra Mansa quarta-feira (25), às 19h30, em Volta Redonda. Com a derrota do Vasco para o Flamengo, voltamos à liderança do campeonato com 28 pontos. Madureira, Flamengo e Vasco vêm atrás com 26 cada um. Fluminense e Macaé têm 22. No domingo (29) teremos mais um clássico, desta vez com o Vasco. Depois mais dois jogos, contra Madureira e Macaé. Lembrando que quem mais pontuar leva a Taça Guanabara. Os dois primeiros têm a vantagem de dois empates nas semifinais. Por isto a importância de nos mantermos entre os primeiros. O time está conseguindo as vitórias e estou botando fé no título!

Botafogo já teve seu Sassá craque

19 de março de 2015

Atualmente o torcedor do Botafogo sofre com a deficiência técnica do garoto Sassá, que demonstra muita vontade em campo, mas peca em não ter maior intimidade com a bola. Mas Sassá já foi sinônimo de craque no Botafogo. Em 89, o principal jogador do time era Paulinho Criciúma, que também era chamado de Sassá, uma alusão ao personagem Sassá Mutema, interpretado por Lima Duarte na novela Salvador da Pátria. Paulinho Criciúma, com sua barba cerrada, encarnava o espírito do salvador, um verdadeiro Cristo, que ajudou a acabar com o sofrimento do botafoguense.

Pelé quase evitou título de 89

19 de março de 2015

É isto mesmo. Você sabia que o Rei do Futebol quase evitou que o Botafogo fosse campeão carioca em 89, título que marcou a história do clube ao encerrar um jejum de 20 anos sem conquistas oficiais? Bem, é que dois anos antes, em 87, Pelé indicou a contratação do atacante Maurício por um clube italiano. Maurício estava bem na Copa União e o Rei concedeu entrevista a um jornal italiano dizendo que um dos melhores atacantes brasileiros à época era Maurício, que ficou interessado em, mesmo sem uma proposta oficial, deixar o Botafogo rumo à Itália, que vivia sua época de ouro. Ainda bem que Maurício não foi jogar o Calcio no país da bota. Senão ele não faria o gol histórico!

Da mediocridade à incrível qualidade técnica

11 de março de 2015

A estreia da nova televisão no clássico domingo passado não deu muita sorte. Minha irmã Fernanda, que há muito tempo não via jogo com a gente, também não deu sorte. Mas hoje a chamei de novo. Eu, que não achei minha chave, tive de pular o portão. Ela chegou e também teve de pular. Meu pai Fernando, trabalhando, não chegou a tempo.

Ligou há poucos minutos do início do jogo, que atrasou por conta da queda de energia no estádio. Primeiro tempo sofrível. Com uma furada horrível de Sassá. Mas ainda assim tivemos um gol mal anulado. Impedimento mal marcado. Jóbson estava na mesma linha em posição legal. E uma jogada - toque de mão - em que poderia ter sido marcado pênalti a nosso favor.

O time volta com a mesma formação. E logo no começo da segunda etapa, o zagueiro Renan Fonseca, que tinha ido muito mal contra o Fluminense, marca com tranquilidade ao driblar um defensor e categoria chutando no ângulo, aproveitando saída

errada do goleiro adversário após boa jogada em cobrança de escanteio. Aliás, a zaga esteve bem nesta quarta.

Depois, Carleto segura a bola e enxerga bem Jóbson no meio. Ele chuta de longe e acerta o canto. Um golaço, que dá tranquilidade ao time. Ah, antes, teve um pênalti pro Tigres. Meu pai liga no momento da cobrança, eu atendo e narro para ele a batida para fora.

Para fechar com chave de ouro, mais um golaço, do garoto Gilberto, o primeiro dele pelos profissionais do Botafogo. Muita emoção na comemoração ao ponto de chegar às lágrimas. Vendo todo o lance, o gol fica ainda mais bonito. O Botafogo trabalhou bem a bola em vários toques bem articulados.

Voltamos a campo no domingo, às 18h30, para enfrentar o Resende novamente no Nilton Santos. O público hoje foi muito ruim, apenas pouco mais de 2 mil pessoas.

Tarde tranquila

11 de fevereiro de 2015

O que parecia que seria um jogo difícil, mostrou-se uma partida tranquila na tarde desta quarta no estádio do Tigres em Xerém. O adversário era o rusguento Bangu, adversário este com o qual não saímos do zero nos últimos dois anos. Um prato cheio para um tropeço e a contestação da torcida. Mas o Botafogo surpreendeu a todos. A começar pelo técnico Renê Simões, que indagado por um repórter antes de iniciar a partida a respeito dos problemas que o Botafogo enfrentaria, tratou logo de refutar possíveis reclamações induzidas e decretou: "O Botafogo tem pressa"!

E foi impondo seu ritmo, como pediu o amigo André, do blog parceiro Opinião Botafoguense e comentarista assíduo daqui, que o Botafogo começou o jogo, já criando algumas oportunidades, até que Rodrigo Pimpão "provocou" a expulsão do goleiro deles, que era o último homem e fez falta fora da área em chance real de gol. E se o Bangu já dava espaços para o Botafogo criar, com um a menos o alvirrubro recuou ainda mais e permitiu que o Alvinegro tomasse conta da partida. Pimpão sairia contundido em outro lance, dando lugar a Jóbson, que em seu primeiro lance

avançou pela ponta esquerda e cruzou para Bill só tocar para o fundo da rede. O gol aconteceu aos 20 minutos, segundos antes da parada técnica. Tempo para o treinador orientar a equipe, que administrou o jogo na segunda metade do 1º tempo.

A equipe foi para o intervalo com a vantagem. Renê voltou com o mesmo time para a 2ª etapa. E logo veio o segundo gol, novamente com Bill, em mais um lance de oportunismo, desta vez aproveitando desvio de cabeça do zagueiro Renan Fonseca após cobrança de escanteio de Carletto. Fernandes substituiu o apagado Tomas Bastos. O garoto acabou responsável pela criação da equipe, à medida que Diego Jardel sentiu e foi substituído por Sassá no tempo técnico. E Fernandes cumpriu bem o seu papel. Distribuiu bem o jogo, com boa visão da partida - É nítido que dá mais qualidade no passe. Sassá fez uma excelente jogada e cruzou para Jóbson, que chutou prensado com Bill. A arbitragem deu o gol para Jóbson. Na saída de campo, após o fim do jogo, o altruísta Bill afirmou que o gol foi de Jóbson, que deve ganhar mais confiança depois de desencantar.

O Botafogo voltando a ser Botafogo

10 de fevereiro de 2015

Uma imagem que começou a circular na segunda-feira (9) nas redes sociais revela mais uma boa faceta de nosso novo presida Carlos Eduardo Pereira. Ele que já havia sido elogiado pelo blogueiro escritor Paulo César Guimarães pelo fato de usar terno, desta vez apareceu com uma camisa alvinegra. Não bastasse vestir e mostrar todo o seu amor pela estrela solitária, o presidente carregava o novo cachorro mascote Perivaldo, uma nova versão do Biriba, que no jogo contra o Boavista em São Januário já havia sido ameaçado de ser expulso do estádio e foi resgatado por Carlos Eduardo Pereira, como há décadas atrás aconteceu com Biriba, que foi carregado no colo pelo folclórico Carlito Rocha. É o Botafogo voltando a ser Botafogo!

Tá ruim, mas tá bom

29 de março de 2015

Antes mesmo da Semana Santa, provei um bom prato de bacalhau, muito bem feito pela minha avó materna, a botafoguense Neusa. Mas o jogo começou com o Vasco partindo prá cima e melhor. O Botafogo equilibrou as ações, criou algumas oportunidades, que foram desperdiçadas, mas o Vasco voltou a ficar melhor na partida e conseguiu o seu gol num lançamento pelo lado esquerdo da defesa do Botafogo nas costas de Carleto. Roger Carvalho não sei se tentou cobrir a marcação ou se tentou sair para deixar o adversário em impedimento, mas o certo é que falhou e deixou o atacante deles livre para marcar.

No intervalo fui para a casa dos meus pais levar minha avó, que foi na minha casa ver a bisneta mais nova. Júlia parece que vai ser mais botafoguense que Luiza. Fica olhando para a tatuagem do escudo no meu peito. E onde vê a estrela solitária espalhada pela casa fica toda alegre. Quando alguém faz um gol, como a seleção com Jéfferson hoje, eu grito: Gooooooooo! Do Botafogo! Ela sorri e tenta falar alguma coisa. Pois bem, se no primeiro tempo não tivemos sorte, decidi ver a segunda etapa na

casa dos meus pais. E assim que minha avó se dirigiu à sala para sentar no sofá e ver o jogo com a gente – minha irmã e meu pai – o Botafogo conseguiu o gol de empate com Roger Carvalho, que se redimiou e marcou de cabeça após cobrança de escanteio pelo lado direito do ataque.

O time havia melhorado com a entrada do estreante Elvis, que deu mais movimentação no meio e melhorou o toque de bola da equipe. Tássio também entrou no lugar do inoperante Bill, mas se machucou e ficou fazendo número em campo. Isto porque Roger Carvalho sentiu e saiu para dar lugar a outro estreante, Alisson. O tão cobrado giro do elenco foi promovido pelo técnico Renê Simões. E agora sim vamos conhecendo o que temos. Diego Giarretta, que ganhou tudo, foi o melhor em campo. Jóbson mal. Enfim, o empate acabou sendo um bom resultado diante de um adversário direto num jogo aberto em que poderíamos tanto ter vencido como perdido.

Estava bom demais para ser verdade

25 de março de 2015

Estava demorando. Mais cedo minha cunhada tricolor falou: “Já pensou se o Botafogo perde para o Barra Mansa”? E eu retruquei: Tá doida! E ela complementou: “Pode acontecer”. Meu pai, que chegou exatamente no intervalo para ver só o péssimo 2º tempo, teve uma má impressão e decretou: “O Botafogo não costuma ganhar esses joguinhos contra time pequeno”. E no que fui me preparando. No lance da falta, que resultou no gol do empate do Barra Mansa, senti o gol. Pensei comigo: Ainda bem que foi agora. Ainda dá tempo de desempatar. Eis que surge um pênalti, até certo ponto bem marcado. Mas o Botafogo se recusa a ganhar jogos sem merecer. Minha mãe diz: “O goleiro tá com cara de que vai pegar “. E não é que o Bill perdeu. Logo ele que durante a semana brincou exatamente com uma cobrança de pênalti e prometeu gol, como para o clássico contra o Flamengo, no qual também não fez e desde então deixou de marcar. Chuta que é macumba!

Depois o mesmo Bill perderia um gol de frente para o gol. Demorou a chutar e permitiu o desarme do adversário. Marcelo Mattos e Fernandes, este que jogou improvisado na lateral direita

nesta quarta, levaram o terceiro cartão amarelo e estão fora do clássico contra o Vasco, domingo. E por falar em lateral, o garoto Jean esteve muito bem, principalmente no 1º tempo, no apoio – cruza bem – e na marcação. Na 2ª etapa, sentiu câimbras e foi substituído. Por falar em substituições, as mudanças de Renê, como o próprio treinador reconheceu, não surtiram efeito. Pelo contrário, pioraram o time. Murilo provou que não tem condições de vestir a camisa do Botafogo. E Gegê, que até tem uma função tática – volta para marcar – mas no que deveria ajudar, que é na criação, não produz nada de mais útil, só arruma algumas faltinhas no seu já tradicional cai cai. E para terminar, por falar em Renê, o técnico deu um chute no estômago no torcedor ao declarar à imprensa que “a liderança pesa”. Hoje tivemos um choque de realidade.

O Palito de Churrasco

14 de outubro de 2011

Há alguns anos, em Campos, no Rio, o time master do Botafogo participou de um jogo contra o master do Flamengo. Uma das atrações daquele time era o atacante Maurício, camisa sete alvinegro, autor do gol do título carioca de 1989 sobre o Flamengo. Neste jogo de veteranos, Maurício marcaria o gol do Botafogo, num lance parecido com o gol que marcou (o primeiro) no empate em 3 a 3 no mesmo ano de 89, no jogo em que me tornei botafoguense. Nesse jogo, o Botafogo perdia por 3 a 1 e foi buscar o resultado num golaço do meia Vitor e um gol contra do zagueiro Gonçalves, que no ano seguinte se transferiria para o time da estrela solitária.

Mas voltando ao jogo de veteranos em Campos, a partida virou um a zero para o Botafogo, gol de Maurício, como em 89, ano em que o Fogão foi campeão invicto. Detalhe é que nesse clássico de veteranos eu estava com uma camisa alvinegra antiga, de malha, que era do meu pai. Assim que cheguei ao estádio do Goytacaz, onde foi disputado o clássico, torcedores do Flamengo mexeram comigo falando que aquela camisa, do início da década

de 1990, com o patrocínio da Coca-Cola, era da época de Paulinho Criciúma.

Quanto ao jogo em si, no intervalo resolvi fazer uma simpatia e enterrei um palito de churrasco atrás do gol onde o goleiro do Botafogo ficaria, na expectativa de proteger a meta alvinegra. Aquela baliza tinha sido a mesma em que Maurício, o camisa sete, havia marcado o gol que ia garantindo a vitória para o Botafogo sobre o arquirrival Flamengo. Para melhorar o trabalho fui para trás da meta do goleiro rubro-negro, o falecido Zé Carlos, para provocá-lo. Chamava-o de frangeiro e de ladrão. Zé Carlos agora era empresário e havia, sorrateiramente, vendido para o Atlético-MG um jogador da base do Botafogo, Hugo, morador de São Fidélis, no interior fluminense.

Nesse momento, alguns torcedores do Flamengo, vendo que eu estava atrapalhando o goleiro do time deles - que chegou a discutir comigo, foram em minha direção e me ameaçaram. Coagido - era uns 10 truculentos - resolvi sair dali de trás do gol de Zé Carlos. E não sei por que cargas d'água, tive a idiota ideia de ir atrás do gol defendido pelo goleiro do Botafogo para tirar o palito de churrasco. Não é que quando vinha saindo, parece que distraí o nosso arqueiro, que foi surpreendido com o chute de

Júnior Capacete. A bola entrou cruzada como no gol de Gighia na final da Copa de 50 entre Brasil e Uruguai.

O jogo terminou empatado no tempo normal em 1 a 1 e foi para os pênaltis. Os jogadores alvinegros perderam várias cobranças e o rubro-negro acabou conquistando a taça do torneio. Eu fui às lágrimas, como os torcedores brasileiros no Maracanazo. A minha simpatia improvisada virou contra o feiticeiro. Pelo menos, tive o imenso prazer de ver pessoalmente o camisa sete Maurício marcar contra o Flamengo como em 89. Mas apesar de já passados cerca de 10 anos, a voz da consciência persiste em indagar: por que eu arranquei aquele palito de churrasco?

Obs: Esta crônica foi selecionada no Concurso "Crônicas Alvinegras", do Botafogo de Futebol e Regatas; e integrou o livro "A Magia do 7", da Editora Livros Ilimitados, lançado no dia 7 de novembro na sede do clube, em General Severiano.

Numerologia e o sonho realizado de conhecer os campeões de 1989 do Botafogo

23 de junho de 2019

Nasci no dia 23 de junho de 1981. Aos sete anos de idade, no dia 7 de maio de 1989 virei botafoguense. O Botafogo perdia para o Flamengo por 3 a 1. Meu avô materno, Egenildo, flamenguista, já havia me dado uma camisa do Flamengo e me fotografado com ela. Mas naquele dia ouvia o jogo pelo radinho com meu pai botafoguense, Fernando. O Botafogo empatou a partida com dois gols no finzinho, de Gonçalves, então jovem zagueiro do Flamengo, contra; e Vitor, que apesar de depois ter se declarado botafoguense, havia sido revelado pelo Flamengo. Aquele empate mudou meu destino. Eu cheguei a fazer um desenho eu queimando a camisa do Flamengo e escrito: Agora eu boto fogo!

Contrariei a máxima do hino rubro-negro que diz: “Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”. Naquele 7 de maio de 1989 nascia um botafoguense. Pouco mais de um mês depois eu comemorei, já como botafoguense, o título do campeonato carioca em cima do Flamengo. A conquista acabou com um jejum

de quase 21 anos sem títulos oficiais do Botafogo. O último havia sido da Taça Brasil de 1968, que teve a final disputada em 1969. O Botafogo foi campeão no dia 21 de junho, o jogo começou às 21 horas, o placar eletrônico do Maracanã marcava a temperatura de 21 graus, o cruzamento para o gol do camisa 7, Maurício, foi feito pelo ponta Mazolinha, número da camisa 14. Repare que o número 7 de Garrincha aparece desde o 3 a 3 no dia 7 de maio, depois com os múltiplos 14 e 21.

Na sexta-feira, dia 21 de junho de 2019, fui ao Rio de Janeiro para o evento comemorativo dos 30 anos do título de 1989 do Botafogo, na sede do clube em General Severiano. O evento contou com a presença dos jogadores campeões. Foi um dia histórico! Realizei o sonho de conhecer os personagens da grande conquista, que os que não são botafoguenses não têm a dimensão do que representa. Na ida comprei a passagem de ônibus no valor de R\$ 89,37 e o atendente me deu como opção o assento número 12, tempo do gol de Maurício e 21 ao contrário. Na volta, peguei o ônibus de 23h07. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

A volta da esperança

4 de dezembro de 2021

Que ano este de 2021! Bem que meu pai avisou que subiríamos no mesmo ano que caímos. O começo foi de muita descrença. Muito apontavam que o Botafogo não iria subir, que iria cair para a Série C ou até mesmo que iria acabar, como costuma acontecer nestas fases difíceis em que os profetas do caos aparecem com suas cargas negativas.

E o peso realmente era grande. Vide as declarações do zagueiro Kanu, um dos que caiu com o time de 2020/2021 e que se tornou um dos símbolos desta volta triunfal do Botafogo à Série A do Brasileirão. Kanu chegou a dizer que dormia e acordava sonhando com o acesso.

E o retorno à elite veio num feriado de 15 de novembro com o estádio Nilton Santos lotado e numa virada que já parecia improvável. O centroavante Rafael Navarro foi o herói, autor do gol do acesso e artilheiro da equipe no campeonato com 15 gols. Mas o time teve outros jogadores importantes na campanha de 20 vitórias, 10 empates e oito derrotas.

Marco Antônio com nove gols também foi um dos destaques, assim como Chay e Diego Gonçalves, ambos com oito gols. Um parêntese para comentar sobre Chay, que mesmo numa fase em que o gol não saía foi de suma importância pelas assistências. E foi em dos cruzamentos perfeitos que ele fazia que o volante Pedro Castro fez o gol de empate no jogo do acesso, uma cabeçada certa que compensou os gols perdidos em outras partidas.

Como não falar do zagueirão Carli, que voltou ao clube sob desconfiança do que poderia render. Mas “El Capitán” mostrou seu espírito de liderança e comandou o grupo no vestiário e em campo ao lado de Kanu. Até gol de vitória Carli fez e logo na estreia como titular. Foi ficando no time e se tornou um dos principais responsáveis pelo acesso com seu belo posicionamento nas jogadas aéreas, nas quais tirava todas as bolas que ameaçavam nossa defesa. Virou ídolo definitivo e deve ser pintado no muro em frente à General Severiano.

Outro contestado era Warley, que também caiu em 2020/2021. De criticado Warley, além das precisas assistências, se tornou um farol de alegria para o grupo com suas brincadeiras, em especial a famosa batedeira. Ao lado de Marco Antônio, outro

brincalhão, Warley levou leveza para a equipe, que precisava extravasar tanto sentimento misturado.

A força veio do preparador físico Edy Carlos, que lançou o bordão “Mais ou menos não serve”, que virou um dos lemas do time, junto de “Termine a corrida”, “Não se vitimize”, “Ubuntu” e “Pressão é um privilégio”, estes quatro últimos do técnico de basquete Doc Rivers e que foram destacados na parede do estádio Nilton Santos.

São tantos nomes a destacar e não poderia faltar, claro, o de Ederson, o técnico bom, que ganhou excelente paródia do humorista botafoguense Adnet. Ederson conseguiu fazer o time jogar, ganhar, conseguir o acesso e ser campeão. Foi tão fundamental nesta Série B que deve ficar para 2022.

Por fim, esperamos que os próximos anos sejam de mais alegrias e menos sofrimento para nós botafoguenses que tanto sofremos nos últimos anos. Que os tempos de glória voltem e que possamos sentir a emoção e a alegria guardadas em nossos corações. Para que tenhamos orgulho em dizer que somos escolhidos, que somos do clube que é mais tradicional, que torcemos para o Glorioso, o nosso Botafogo!

Queremos mais

4 de dezembro de 2021

Sou nascido em 1981 e sou botafoguense desde 1989. Tive a sorte de viver uma década áurea do Botafogo, de 1989 a 1999, na qual conquistamos o bicampeonato carioca (1989-1990), chegamos à final do Campeonato Brasileiro de 1992, fomos campeões da Copa Conmebol em 1993, fomos campeões brasileiros em 1995, campeões do Troféu Teresa Herrera em 1996, campeões cariocas em 1997, campeões do Torneio Rio São Paulo em 1998 e chegamos à final da Copa do Brasil em 1999.

Depois vieram anos difíceis. O rebaixamento em 2002, ano em que eu estava morando em Niterói e assisti a muitos jogos no Caio Martins. Depois veio o título do Carioca em 2006 - fui no jogo final no Maracanã em que nos sagramos campeões, o tri vice roubado em 2007-2008-2009 e a redenção em 2010 com a cavadinha de Loco Abreu. Mais dois títulos cariocas em 2013 e 2018. E mais dois rebaixamentos em 2014 e 2020. Neste meio tempo, uma bela campanha na Libertadores de 2017.

Torcemos para que o Botafogo tenha mais bons momentos, como os da década de 1990 ou até mesmo da década de 1960. Merecemos isto. Somos um dos torcedores mais apaixonados do Brasil, mas vivemos muito do passado de glórias. Então diante deste presente embalado, esperamos um futuro em que possamos gritar mais “É Campeão”! Ok, Fogão? Valeu!

Meu médico botafoguense

6 de dezembro de 2021

O médico que eu vou desde 2003 é botafoguense. Naquele ano o Botafogo disputava a Série B pela primeira vez. Naquele ano eu tinha voltado de Niterói após dois anos estudando Cinema & Vídeo na UFF. Acompanhei a queda do Botafogo em 2002 indo a vários jogos no estádio Caio Martins e no Maracanã.

Em 2003 fui a dois jogos na Série B. Eu ainda estava em dúvida se voltava para o Rio de Janeiro. E decidi ficar em Campos. Foi um processo para aceitar que minha jornada na UFF havia acabado. Eu tinha uma namorada, que terminou comigo diante da minha indecisão se ficava ou não no Rio.

Passados todos estes anos eu continuei esporadicamente indo no meu médico botafoguense. E sempre a conversa começava pelo Botafogo. Posso dizer que gosto mais dele por ele ser botafoguense. Aliás a pessoa quando é botafoguense conquista mais a gente, sobe no nosso conceito. Parece que nos entende.

A última vez que fui ao meu médico botafoguense, em julho, o Botafogo ainda não havia iniciado a recuperação na Série B de

2021. Ele comentou comigo que não estava vendo os jogos e não estava acreditando muito no acesso. Eu também, confesso, estava desacreditado.

Mas o Botafogo se recuperou e subiu. Voltamos para a Série B. E isto é uma lição. Para que acreditemos nos nossos sonhos e na vida. Como diz a música da Legião Urbana “Via Láctea”: “Quando tudo está perdido, sempre existe um caminho. Quando tudo está perdido, sempre existe uma luz”.

Mesmo que a letra tenha um tom de ironia de Renato Russo, é isto que queremos. Que a depressão fique para trás e a estrela solitária nos conduza com um fecho de luz. Com momentos de emoção e alegria. Pode ser com sofrimento, afinal a gente não torce, a gente sofre pelo Botafogo.



O autor, Wesley B. Machado, em caricatura de Soza